



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	HIV+ ou não, testar-se ou viver com a dúvida?
<b>Autor</b>	BRUNA GRE MARQUES
<b>Orientador</b>	SABRINA ESTEVES DE MATOS ALMEIDA
<b>Instituição</b>	Fundação Estadual de Pesquisa e Produção da Saúde

## **HIV+ ou não, testar-se ou viver com a dúvida?**

Análise das causas que levam os indivíduos a procurarem tratamento, para a infecção pelo vírus HIV.

Bruna Gre Marques

A partir dos dados clínicos obtidos em estudo realizado em 2011 no Hospital Conceição – Porto Alegre/RS, percebemos que a maioria dos indivíduos HIV+ chegam ao hospital em um estado de saúde bastante debilitado. Diferentemente do que se imagina, o curso clínico da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) varia muito entre os indivíduos. Após a infecção pelo vírus a maioria dos indivíduos desenvolverá a Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (AIDS) depois de quatro a nove anos, porém, alguns indivíduos avançam à imunodeficiência profunda em menos de três anos (chamados progressores rápidos) e outros permanecem imunocompetentes por mais de 10 anos (chamados progressores lentos).

No entanto, aproximadamente 64,0% dos pacientes procuram algum profissional da saúde em estágio de AIDS, tendo recomendação médica de iniciar o tratamento imediato; uma parte significativa dos indivíduos (28,8%) descobrem ser HIV+ através de internação hospitalar devido a infecções oportunistas. A partir desses dados, nos questionamos por que esses indivíduos chegam ao Centro de Saúde em um estágio tão avançado da doença e, em meio a essas dúvidas, optamos por trabalhar duas hipóteses centrais. A primeira trata da percepção do indivíduo quanto ao seu estado de saúde, ou seja, a maioria dos pacientes HIV+ não percebem os sintomas como indícios de doença. A doença passa a ser notada apenas quando o indivíduo não consegue manter seu cotidiano e por isso protela a busca a um auxílio médico. Outra hipótese é que por medo da doença e por medo do preconceito ainda associado a ela as pessoas acabam por postergar a testagem e não procuram ajuda médica. O estigma criado em torno da doença acaba marginalizando os indivíduos soropositivos, por ter sido associado a práticas consideradas desviantes.

Para trabalhar estas questões, elaboramos uma entrevista semiestruturada a fim de observar nos discursos dos indivíduos principalmente suas percepções da doença. Em seguida, selecionamos 80 pacientes, separamos em quatro categorias (20 em cada grupo): aqueles que já chegaram ao hospital com um estado debilitado de saúde; aqueles que descobriram sem sintomas, abandonaram o acompanhamento médico por muitos anos e só retornaram ao hospital por sintomas; aqueles que descobriram sem sintomas, porém realizam o acompanhamento médico corretamente e os indivíduos que não são HIV+, no entanto testam-se com frequência. Por fim, iremos estabelecer relações entre a fala dos entrevistados e seus contextos sociais ao término das entrevistas (realizadas entre junho e agosto/2013).

O HIV/AIDS desafia não só a biomedicina na busca de uma cura ou prevenção, mas também está carregada de significados socioculturais, uma vez que interfere em relações interpessoais, instituições sociais e configurações culturais. O caráter interdisciplinar da pesquisa pretende contribuir para a construção de uma visão mais ampla do problema e consequentemente auxiliar em novas intervenções na saúde pública.

Palavras-chaves: HIV, corpo, saúde, estigma.